

# **Depoimento: 50 anos de Ciências Sociais na UFC**

**Hélio Barros**

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Brasil

heliobarros@email.com

## **I – O convite e o depoimento**

Cinquenta anos da criação do curso de Ciências Sociais da UFC. Convidam-me a participar com texto e mesa redonda. Resumem tudo em duas palavras: memória e depoimento descritos em um texto que conte a experiência pessoal, seguido de uma conversa informal. Este é o texto. A fala virá depois.

O convite despertou lembranças de pessoas, situações e, principalmente, do ambiente social de cada período. Recordei aulas e pesquisas, nome de autores e livros, colegas e cursos no Exterior, amigos nacionais e internacionais, a montagem do currículo, a importância da USP, a lembrança de Florestan Fernandes aconselhando-me a fazer política profissional; “a *praxis* é essencial”, recomendava na boa linguagem da época e reforçava com o argumento de que na USP induzira todos os seus assistentes a ter vida partidária. Rememorei o

que eu disse anos atrás à minha mulher: “Fernando Henrique será presidente e deve agradecer todos os dias ao Florestan”.

Depor é pôr no chão. Isso me leva a pensar que saímos literalmente do chão para ajudar a construir as Ciências Sociais da UFC. O detalhe é sempre mais bem analisado se incluído no conjunto da obra, cujo regente maior tem nome firmado na história cearense: Antônio Martins Filho. Significa que tratarei as Ciências Sociais no conjunto da formação da própria UFC, integrando o passado ao presente.

Os leitores serão pessoas iniciadas no assunto. Desnecessário contar o que já foi contado. Uma nova versão sobre fatos conhecidos pode reparar pequenos erros e acrescentar detalhes que de nada servirão ao futuro das Ciências Sociais da UFC. Proponho-me a uma narrativa na primeira pessoa, contextualizada na realidade social de cada período.

Na primeira pessoa porque a minha experiência é comum à de muitos outros professores e ocorreu em um ambiente social que ilustra muito do que foi a vida no Ceará para as primeiras gerações das Ciências Sociais da UFC. Com o detalhe relevante de que a formação dos professores ocorreu quase de forma concomitante com a dos próprios alunos.

Três registros confirmam esta informação: enquanto a primeira turma fazia a graduação, os professores iniciavam seus Mestrados e Doutorados; a diferença de idade entre alunos e professores era relativamente pequena; por fim, entre os alunos das primeiras turmas que orientaram suas carreiras para o magistério, muitos conviveram por longo período como colegas de seus professores. Portanto, o ambiente social em que vivi e a minha própria experiência educacional servem de exemplo para informar sobre o processo de formação das Ciências Sociais na UFC.

Solenizar a data não basta a mim nem aos outros fundadores do

curso. Retenho a expectativa de que o evento sobre os primeiros 50 anos seja capaz de produzir ideias e definir as expectativas de futuro, sabendo que na origem, partimos de uma proposta repetidora de modelos externos, sem nenhuma experiência local anterior.

As Ciências Sociais que formulamos há 50 anos estavam de acordo com um projeto internacional de sociedade existente há mais de duzentos anos, baseado na industrialização, no emprego e nas tecnologias tradicionais. Desde então o Ceará ganhou experiência. E mudou. Mudou porque o Brasil mudou e o mundo mudou. A globalização se impôs com um novo tipo de economia, produção e serviços absolutamente diferente do passado. E este é o ponto central de meu depoimento: questionar o presente e o futuro da produção científica das Ciências Sociais da UFC.

Na história da Federação brasileira, o Estado do Ceará se notabilizou pelos longos períodos de pobreza e fome, o campeão nacional de migração interna nos séculos XIX e XX. Ganhou musculatura nos anos 50. A UFC, o BNB e a SUDENE abriram-lhe as portas ao novo mundo do conhecimento e do desenvolvimento. O resultado obtido no período (corresponde aos 50 anos que comemoramos) foi expressivo, comparado ao patamar inicial de onde partiu; mas insatisfatório, se avaliado em relação às expectativas das elites intelectuais, econômicas e políticas do Estado. As mesmas que temos em relação ao Brasil.

Este último comentário sobre o resultado obtido no período é irrelevante se entendermos que o mais importante é avaliar a capacidade atual de gerar conhecimento e promover o desenvolvimento. Em síntese, o resultado que mais conta é o que mede a presente capacidade competitiva do Estado para se tornar um importante “player” no ambiente nacional e internacional. Por este motivo, antecipo e justifico

a exortação que farei ao longo do texto para uma nova agenda de pesquisa em Ciências Sociais.

É o que pretendo discutir.

## **II – Antes de ontem, o desadormecer em Fortaleza**

A década, 1950.

Despertei para as Ciências Sociais fazendo o curso científico, os três últimos anos do que hoje se denomina Ensino Médio. Em dois momentos: primeiro no Colégio Cearense e, em seguida, precisamente em uma escola militar, a Escola Preparatória de Cadetes, onde atualmente funciona o Colégio Militar de Fortaleza.

O ano, 1955.

No Colégio Cearense, 1º. Científico que correspondia à 1ª série do Segundo Grau, um Irmão Marista espanhol dos mais sabidos que admirava os ingleses e ensinava que foram eles os primeiros a usar números para organizar a economia da sociedade, comenta o rápido aumento da população; explicita a sigla IBGE, menciona a importância da demografia e da estatística, fundamental à vida em sociedade. Fortaleza tem 240 mil habitantes (a população atual de Juazeiro do Norte). Previsão do IBGE: 514.818 em 1960 e 872.702 em 1970. Sugeri: – “prestem atenção à demografia, ao crescimento rápido, ao risco de superpopulação; se não houver controle, a humanidade poderá sofrer terrível fome”. Falou sobre a importância da tecnologia, da indústria, da produção. Remediou o medo. Como grande novidade, Malthus entrou para a galeria de meus fantasmas.

O espanhol aumentou a curiosidade dos alunos quando discorreu sobre as universidades da Europa, as novas carreiras com designações

obscuras para o ainda distante e isolado Ceará dos anos 1950. Assim mesmo a palavra universidade e as novas carreiras invadiram nossos sonhos de adolescência sem que ninguém na sala atinasse exatamente como eram e como funcionavam. Desde então, os temas Educação Superior e universidades estiveram presentes nas conversas dos colegas.

O que um jovem de 15 aos 18 anos podia aprender nas conversas familiares na Fortaleza dos anos 1950? À noite, em qualquer residência de Fortaleza, o divertimento era receber uma visita, um hóspede, a boa conversa. Getúlio e sua morte, o petróleo, Paulo Afonso<sup>1</sup> e a expectativa da industrialização foram assuntos que preponderaram no início da década. Havia jornais diários, outros com edição matutina e vespertina, nem por isso o povo lia. Lembro as infundáveis discussões sobre o voto dos analfabetos, os supostos eleitores de Getúlio. E um amigo de meu pai, descrevendo a fragilidade da economia cearense, dizia que Fortaleza era o único lugar do Brasil que vendia cigarro a granel. E debochava da falsa riqueza dos cearenses que construía lindas casas na Aldeota, verdadeiros “mausoléus”, porque morriam empobrecidos dentro delas.

Ao visitante de fora se comentava a inauguração da Usina do SERVILUZ, movida a óleo diesel, complementar à velha usina da “Ceará Tramways, Light and Power”, a popular Light, que usava lenha vegetal para a produção de energia. A mesma lenha que se comprava na porta de casa para cozinhar, trazida em lombo de jumento. Um amigo de meu pai que trabalhara na Light denunciava que nos últimos anos a empresa comprava lenha fina, “no passado a lenha era madeira grossa de grande serventia, o Ceará vai virar deserto”. Meu pai, igualmente

---

1. Nota do Editor: trata-se da usina hidroelétrica que trouxe este tipo de energia ao Ceará.

crítico, pontuava o perigo do desmatamento que contribuía para a diminuição das chuvas: as secas da década de 1950 foram, para minha geração, a referência essencial da calamidade nordestina. Comentava-se o risco de passar em frente à Hospedaria Getúlio Vargas que abrigava os flagelados. Gente faminta, desesperada. Dava medo.

O mundo fora era muito longe. Natal era distante. Recife também. A Bahia, uma longa viagem. O Rio de Janeiro, um dia de avião com o risco frequente de dormir no meio do caminho. Quem ia ao Rio de Janeiro, na volta teria toda a família e muitos amigos no aeroporto para ouvir de primeira mão as notícias do poder e as últimas piadas da Capital Federal. Estados Unidos e Europa? Poucos conheciam; uma viagem de turismo ao exterior era item relevante em *curriculum vitae* de gente rica. Comentava-se que o principal tradutor oficial da língua inglesa na cidade sabia traduzir, mas não falava inglês. O francês era a língua que denotava uma pessoa de cultura.

Os dias se seguiam, as conversas quase as mesmas. As notícias eram poucas. Um tema poderia ser a saúde e os antibióticos. Alguém admirava a novidade e dizia que poucos anos antes sofrera terrível crise de apendicite e quase morreu por falta do milagroso remédio. Escapou pela sulfa que veio de São Paulo; o médico deixara sua barriga aberta para diariamente regar a cavidade abdominal com punhados de sulfa. Com a própria mão.

No caso, o paciente era meu pai, capitão do exército e ex-Secretário de Segurança Pública do Ceará no Governo Vargas<sup>2</sup>; e o médico era José de Pontes Neto, dito comunista. Na crise, Pontes foi consul-

---

2. Nota do Editor: seu pai era o General José Góes de Campos Barros; Tenente, em 1937, teve envolvimento com o episódio do Caldeirão no Ceará; e desempenhou várias funções públicas, sendo Secretário de Segurança Pública e Presidente do IPEC (Instituto de Previdência do Estado do Ceará), além de Professor da Escola de Cadetes de Fortaleza.

tado se operaria alguém que o prendeu. Confirma que sim; examina, tem que ser logo, o caso é grave. Reunião de família, o temor que o comunista matasse o militar. Não matou, ficaram grandes amigos.

O que falavam o militar e o médico comunista?

Não lembro tudo, mas as conversas eram divertidas. Minha curiosidade era enorme para saber qual a diferença entre um militar e um médico comunista. A cada nova conversa que eu ouvia menos entendia a diferença, porque os dois debochavam um do outro e sempre terminavam em uma enorme confraternização de iguais. Desisti de procurar a resposta no dia em que meu pai acusou o comunista de falsidade ideológica. Pontes lhe confessara que estava aguardando a ruína econômica de uma viúva em Quixeramobim para comprar barato suas terras e ampliar sua fazenda. Vencido, Pontes concluiu que suas ideias eram ideias sinceras e verdadeiras, mas seu modo de vida seguia as regras da realidade brasileira. Eu achava divertido, não entendia muito, mas sei que após ser acusado de “romântico”, Pontes saiu às pressas para atender um paciente. Alguém o localizara pelo telefone fixo de nossa casa, um número de quatro dígitos.

Visitantes eram muitos; alguns me atraíam pela boa conversa. E a boa conversa era a política, o futuro do Brasil e o comunismo. De memória resta-me uma clara conclusão: meu pai odiava o comunismo internacional, mas era extremamente tolerante com os comunistas amigos. Militares, médicos, intelectuais, comerciantes, muitos desses amigos eram tidos como defensores de ideias comunistas, mas eu não conseguia enxergar diferença entre eles e meu pai.

Um parêntesis para falar de livros. Um dia meu pai e Pontes Neto discutiam acirradamente. Falavam coisas que eu não entendia, mas o tema era a política. Por algum motivo meu pai citou a frase de um livro, mas não conseguiu repeti-la de memória. Levantou-se, foi à

biblioteca e trouxe o pequeno livro. Título: *O Príncipe*. No dia seguinte fui à biblioteca e tirei o livro para ler. Essa foi a minha primeira incursão na Ciência Política, absolutamente frustrada porque quando entendia as palavras, não decifrava nem juntava as frases. Senti-me burro; salvou-me um colega de colégio; – “você não é burro, há livros fáceis e livros difíceis, você não estudou tudo”. Continuei lendo Monteiro Lobato e Edgar Rice Burroughs, livros de meu irmão mais velho, para minimizar o complexo de burrice.

A pequena biblioteca de meu pai (à época me impressionava) esteve sempre à disposição dos filhos; predominavam os clássicos franceses e os dicionários de português, francês e inglês; Euclides da Cunha e os clássicos de Gilberto Freyre, a coleção do Centenário de Eça de Queiroz e biografias variadas: conheci Abelardo e Heloisa, admirei a coragem de Spinoza e com Erasmus de Roterdã aprendi a palavra cosmopolita. Livros mais antigos sobre o positivismo; os grandes poetas brasileiros; os livros que mensalmente chegavam da Biblioteca do Exército. A última surpresa, já na universidade, um livro de Engels que me deslumbrou nos anos 1960: *Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. Comentei com meu pai, apenas alertou: “Já li, impressiona, nunca deixe se levar por uma única opinião”.

Dois festejados livros me encantaram, por motivos diferentes: *Brasil: País do Futuro* e *Casa Grande e Senzala*. Stefan Zweig aumentou meu entusiasmo por JK e pelo país. Gilberto Freyre uma novidade fascinante para quem se iniciara na vida sexual brasileira. Li uma terceira edição de *Casa Grande e Senzala*, que ainda guardo com grande carinho, repleto de anotações escritas aos 16 anos. Anos depois, Gilberto Freyre me propôs negócio. Trocava meu livro por uma coleção de livros dele que eu ainda não tivesse. Não aceitei. Tudo isso porque queria minhas anotações. Conteí meu comentário sobre a



palavra “socialização” que eu entendera como sendo o “comunismo” indígena. E relatei as indagações que escrevi à margem, vinculando o comunismo dos índios à religião dos jesuítas e comparando o comunismo ingênuo ao comunismo dos países civilizados. Roberto da Matta acompanhou-me nessa visita a Gilberto. Também se interessou por minhas notas. Um dia poderei resgatá-las nas memórias.

*Bandeirantes e Pioneiros*, li quando já estava na universidade. Meu pai adquiria esses livros em suas viagens ao Rio de Janeiro: a chegada de um livro novo atraía a atenção dos amigos porque as livrarias de Fortaleza nunca compravam mais de dois a três exemplares do mesmo livro, com receio de ficar na prateleira. A joia da biblioteca era *Le Grand Larousse*, enciclopédia em 10 volumes, motivo de orgulho de meu pai e dos admiradores da cultura francesa. Foi importada já nos anos 1960 quando foi editada pela primeira vez.

Na Escola de Cadetes um colega oriundo do Rio de Janeiro falou-me da Revolução Espanhola e de Ortega y Gasset. A cada conversa uma novidade e aos poucos me interessei pela questão do conhecimento e da ciência. Meu professor de espanhol se surpreendeu quando um dia mencionei Ortega y Gasset e verifiquei que ele era um conhecedor de sua obra. Vez ou outra, nos intervalos das aulas, eu conseguia voltar ao assunto, quase sempre por iniciativa dele. Costumava desviar a aula para os temas atuais sobre educação e política. Eu não supunha que esse professor viria a ser meu chefe em futuro próximo. Valnir Chagas.

Retorno ao que se conversava ao longo da década de 1950.

O ano já é 1956.

A emoção de qualquer jovem era descobrir o Brasil exposto aos nossos olhos pela ousadia de JK. O Governo de Juscelino Kubistchek trouxe o desenvolvimento do Brasil para a mídia. E tinha pressa, anun-

ciou quase tudo ao mesmo tempo: a construção de Brasília; a indústria automobilística; novas estradas, talvez melhores que a Rio-São Paulo, a única grande estrada asfaltada do país; as universidades; o açude Orós; a SUDENE. Nesse ano ingressei na Escola Preparatória de Cadetes, a escola militar onde realizei o curso científico. As principais características dessa Escola: instituição de abrangência nacional que estimulava pensar o país; regime de internato, com alunos vindos de quase todos os Estados do país; o planejamento do ensino centralizado no Rio de Janeiro privilegiava as disciplinas matemáticas; forte orientação nacionalista e estímulo à leitura.

Na segunda metade dos anos 50 as conversas eram mais animadas. O fator JK entra em ação, com muitas novidades e desconfiança de não dar certo pela pressa adotada. Em um momento, o BNB de Getúlio e a SUDENE de JK pareciam viáveis; logo a seguir, em outro não. Bons assuntos vinham da BBC de Londres, a melhor emissora de rádio para acompanhar a política internacional ou o prognóstico de chuva no Nordeste do Brasil (BBC, a única fonte segura de informação meteorológica). A emissora local fala sobre a violência urbana, as mortes no Jaguaribe, os roubos e os flagelados da seca. A conclusão sempre a mesma: os flagelados devem migrar para o sul. Duas palavras frequentes na vida cearense: flagelados e migrantes.

Um médico notável, João Ramos, iniciou experiências para fazer chover. Meu pai levou a sério o trabalho, elogiou a iniciativa depois que estudou o assunto da física das nuvens e concluiu que era possível estimular a precipitação. Mas duvidou da generalização do processo. Eu não entendia, mas gostava de vê-lo discutir com Mauro Botelho, agrônomo entusiasta da novidade.

Se ainda faltava luz, a preocupação não era mais a lenha nem as matas; passou a ser o preço ou a escassez do óleo diesel e o processo

de corrosão que avançava rápido na nova usina refrigerada com água do mar. Nova ameaça de apagão e de um colapso de energia elétrica.

Dia 18 de maio de 1955.

Em Fortaleza um número muito pequeno de pessoas tomou conhecimento de fato de enorme repercussão para o Ceará: o Presidente da República Café Filho nomeou Antônio Martins Filho reitor da nova Universidade do Ceará, criada no ano anterior. No início da década de 1950, existiam em Fortaleza os cursos superiores das Faculdades de Medicina, Farmácia e Odontologia, Direito e da Escola de Agronomia.

Repetidas vezes, de viva voz, ouvi o Doutor Martins narrar o voo de quase dia inteiro para tomar posse na Capital Federal: a viagem apressada e o discurso alinhavado no trajeto para o Rio de Janeiro. Naquele dia, sem ter a menor ideia do que se passava na Capital Federal, o Ceará fundava uma universidade moderna que propunha integrar ensino, pesquisa e extensão. O reitor ousou e propôs usar a universidade para a solução dos problemas sociais e econômicos da sociedade cearense e do Nordeste.

Eu nunca lembraria esse fato se não fosse um mexerico que fixou minha atenção: “o Presidente da República é da UDN, não atendeu ao pedido do PSD cearense de nomear outro nome, um professor da faculdade de Medicina que era do partido”. Uns elogiavam a pertinácia de Martins Filho, outros lamentavam a perda do emprego tão cobiçado pelo companheiro de partido. Certamente nenhum dos presentes sabia exatamente o que era uma universidade, até porque nenhum deles havia estudado em universidade. Tenho certeza de que um número raro de pessoas discutiu na ocasião o fato de o Ceará haver recebido uma universidade; a maioria discutiu o lado picaresco da nomeação de um reitor em detrimento de outro.

1958. Ano de muitas lembranças.

A seca e meu encontro com a universidade. Ponto culminante de um ciclo, a grande seca que atinge meio milhão de pessoas em frentes de serviços que serviram para denunciar os escândalos da denominada “indústria da seca”. Nesse ano concluí o curso científico na Escola Preparatória de Cadetes e conheci a universidade.

Escolhido orador da turma fiz um discurso condenando a intervenção militar na política. Fui preso. Cometi o erro de falar mal da Aeronáutica ao citar as aventuras pouco lisonjeiras de Aragarças e Jacareacanga. No ambiente militar, falar mal de uma das Forças é pecado mortal. Palavra cassada, 30 dias de detenção. Alguns colegas gostaram, outros torceram o nariz e comentaram minha simpatia pelo comunismo. Certifiquei-me do que já desconfiava: no Brasil, para ser taxado de comunista bastava assumir uma posição crítica ao poder. Irritava-me a imprecisão de conceitos, motivo que despertou ainda mais o meu interesse pelo estudo da sociedade.

Demorei pouco na prisão; o tradicional indulto natalino do Presidente da República devolveu-me a liberdade. Havia provado uma pontinha insignificante do muito que representa perder a liberdade. Essa boa lembrança me traz de volta o desmesurado sentimento de liberdade que experimentei naquela manhã ao cruzar o portão da Escola.

Descendo a Avenida Santos Dumont em direção à Praça do Ferreira logo nos primeiros passos a estonteante alegria cedeu lugar ao medo. Súbito, temi que alguma coisa estivesse errada: que o indulto fosse cancelado ou uma contraordem emitida.

Já li sobre os pensamentos travessos que atormentam o juízo dos soltos da prisão, uma espécie de síndrome que se apossa dos libertos ao encontro com a alforria. Confesso que senti essa desagradável

tormenta. E minha prisão fora um episódio menor de uma simples detenção.

Encontrei conforto em caminhar rápido empurrado pelo agradável sopro forte do vento leste; na verdade eu não queria ver ninguém; quanto mais veloz, mais evitaria o risco de interrupção por conhecidos e conversas; precisava alcançar o ônibus para chegar logo em casa.

Nem tudo é como se quer!

Ao atingir a Igreja do Pequeno Grande uma mão segura meu braço, retorço-me para desvencilhar, impossível, era o professor Milton Dias. Surpreendeu-me o caloroso abraço concomitante aos elogios ditos com o entusiasmo sobre minha coragem. O discurso — eu nada sabia — tivera repercussão e os civis gostaram muito da minha atitude crítica à participação militar na política. Até então Milton era amigo de meu pai; os elogios e o abraço efusivo fizeram-me avaliar a dimensão de ser adulto e confirmaram a nova amizade; agora Milton também era meu amigo.

Da conversa guardei o seu júbilo de trabalhar na nova Universidade Federal do Ceará; sugeriu que eu aparecesse por lá, encontraria outros amigos. Continuei meu caminho e dos pensamentos de então não guardo registro; o sol quente e a vontade de alcançar logo minha casa apagaram-me outras anotações dessa memória.

A única certeza que tenho é que, do encontro com Milton, o destino me levou às portas da Universidade. Meses depois, após fazer o vestibular e ingressar na UFC, novo encontro. Milton falou a Paulo, que falou a Valnir, que falou a Martins. Um telefonema e Paulo Elpídio me comunica que Valnir Chagas queria me ver. Diretor do recém-criado Departamento de Educação e Cultura, órgão responsável pela elaboração das bases conceituais do que deveria ser a nova universidade, Valnir precisava de alguém que o secretariasse. Convidou-me.

Nesse texto o detalhe pessoal interessa quando explica a profissional. Refiro-me à amizade com Paulo Elpídio, uma amizade herdada e confirmada na Escola de Cadetes e na Faculdade de Direito. Nos anos 1930, meu pai ficou amigo de dois outros “Paulo Elpídio”, o pai e o avô; de quebra, Djacir Menezes, o tio, se tornou amigo intelectual de meu pai: curtiam longas conversas sobre filosofia e literatura. O que eu mais gostava dessas conversas era o factual: meu pai, militar e policial, analisando sua participação nos episódios do Caldeirão, a prisão de Raquel de Queiroz, a crítica ao integralismo de Helder Câmara e muitos outros prós e contras relacionados ao Governo Vargas. Nos anos 30, Djacir Menezes era de esquerda, nos anos 50 já não era. Isso tudo causava uma enorme confusão em minha cabeça.

Fecho esse registro com uma síntese. Até o início da década de 1960 o esforço de Doutor Martins fora intenso na agregação das várias escolas isoladas e na instalação da reitoria e da burocracia. Por sorte eu chegava à UFC no exato momento em que um grupo de professores, com os professores vindos de fora, ajudava Doutor Martins a formular o futuro de instituição.

### **III – Ontem, duas instituições revolucionam o Ceará**

A partir dos anos de 1950 o Estado experimentou uma primeira expectativa de mudança. A instalação da Universidade Federal do Ceará (UFC) e do Banco do Nordeste (BNB) abriram-lhe as portas ao conhecimento e ao desenvolvimento, com a sensação percebida de querer inserir-se no mundo e a sensação convencida de que poderia de fato. Apego-me a esse detalhe que, na prática, significou o fim do isolamento econômico e cultural do Estado.

De 1959 a 1962 vivi um dos períodos mais férteis de minha vida profissional. À noite, estudante na Faculdade de Direito. De dia funcionário “recibado” da UFC, secretário do Professor Valnir Chagas no Departamento de Educação e Cultura, uma instituição autônoma ligada diretamente ao Reitor. Um estudante com a vantagem de conviver intensamente com os melhores professores de todas as áreas da universidade, portanto, um observador participante das discussões que ocorriam no recém-criado Departamento de Educação e Cultura.

À exceção de alguns professores locais e dos professores da USP que vinham de fora para colaborar com os líderes da nova UFC, a maioria das pessoas sabia tanto de universidade quanto eu: quase nada. Foi uma época em que livros raros sobre universidades circulavam de mão em mão, ou eram escondidos para que ninguém os lesse. Acompanhei as disputas e ciúmes entre os professores e aos poucos consegui discernir e identificar quem realmente estava contribuindo com ideias e conhecimento para consolidar o projeto universitário cearense.

Conhecer Von Humboldt e o Cardeal Newman era requisito mínimo obrigatório para ser admitido nas discussões. Se o interlocutor demonstrava desconhecê-los ou tinha dúvida sobre qual dos Humboldt ele falava, Wilhelm ou Alexander, logo seria motivo de comentário. Haver lido qualquer desses em inglês era prova definitiva de erudição.

O grupo que trabalhava no Departamento de Educação e Cultura era pequeno. Nós, os que ainda eram estudantes (Paulo Elpídio e eu), líamos muito sobre Educação Superior e terminamos bem informados sobre os temas referentes à organização universitária. Isso permitiu um grande entrosamento entre nós e os chefes que nos tratavam como colegas. No Departamento transitavam os professores com vocação acadêmica bem definida e que desejavam colaborar com o Seminário

Anual dos Professores, de onde tudo emanou.

Cedo percebi a vantagem de haver cursado a Escola Preparatória de Cadetes: parte dos professores mais frequentes no Departamento de Educação e Cultura que conduzia o planejamento futuro da UFC foram meus professores: Ari de Sá Cavalcante (Aritmética/Economia), Denizard Macedo (História/Geografia), Luiz Brasil (Descritiva), Francisco Cavalcante (Matemática), Godofredo de Castro (Física), concluindo com Valnir Chagas que liderava o processo e que fora meu professor de Espanhol. Aos poucos fui reconhecendo o talento de outros professores e desses procurei me aproximar, principalmente aqueles que se direcionavam para a construção da área científica da Universidade. Mateus Ventura foi sem dúvida a figura acadêmica exponencial.

Já nessa época se falava em trazer professores de fora e enviar bolsistas ao Sul (ninguém falava Sudeste) e ao Exterior; havia sinais evidentes de maior dinamismo em algumas áreas como Economia, Matemática, Química, Biologia, Agronomia, Engenharia, Medicina, Ciências do Mar (ainda em formação).

A visita do inquieto Darcy Ribeiro (Universidade do Distrito Federal) e de professores da USP (o primeiro foi Florestan Fernandes, a quem me afeiçoei) foram marcantes e serviram como verificação de que nossas premissas apontavam para o rumo certo. A Universidade que Darcy propugnava para o Brasil parecia muito com as universidades americanas, esse foi o comentário que ouvi de Valnir e de um professor da Medicina que conhecia bem os Estados Unidos. Ouvi desconfiado, mas depois percebi a justeza do comentário quando conheci os escritos de Anísio Teixeira e do próprio Darcy. Os fundamentos estavam na universidade científica, em suas diferentes versões.

O convite a Darcy Ribeiro foi comemorado pela difusa liderança



de esquerda que ele inspirava. Às vésperas de sua chegada ouvi um divertido diálogo que pude entender melhor anos depois. Alguém falou: “Darcy é comunista”. Outro, mais cético corrigiu: “não creio, do jeito que falam logo mais no Brasil há mais comunista que habitante”. Um terceiro que morou no Rio de Janeiro e convivera com amigos de Darcy completou com uma piada: “o comunismo dele se limita à socialização dos meios de ‘reprodução’, o que ele gosta mesmo é de mulher”. A Darcy ajustava-se bem a atual denominação de “womani-zer”. Apenas uma piada de época.

Naqueles anos anteriores a 1964, em plena Guerra Fria, havia enorme excitação sobre a questão ideológica. Evitando comparar aos dias atuais, o fato de época é que qualquer conversa sobre pessoas e política terminava em rotulagem. Tachar de comunista era fácil, bastava ter lido Gilberto Freyre ou concordar com as teses de Monteiro Lobato.

Comecei a aprender na prática que no Brasil havia outra espécie de comunismo, conceitualmente impreciso, mas de grande utilidade para se rotular o incômodo adversário. Quem fosse desenvolvimentista dizia-se, por obrigação, de esquerda. Entre os professores não lembro nenhum que não gostasse de ser dito de esquerda, apesar de muito poucos admitirem qualquer ligação com o comunismo. Comunista era anátema; esquerdista era atributo. Distinguia.

Importante referir o Governo Jânio Quadros, seguido das turbulências decorrentes da posse de Jango e do Parlamentarismo: um ambiente inspirador do estereótipo de esquerda que todos nós assumimos com entusiasmo. O que isso significava certamente não correspondia ao tosco diagnóstico dos extremistas de ambos os lados. À exceção dos raros membros do PCB, a maioria dos esquerdistas da época estava tão à esquerda quanto estavam todos os progressistas que desejavam o desenvolvimento brasileiro. O sectarismo dos que eu chama-

ria hoje de entreguistas russos, pela paixão manifesta aos ditames de Moscou, limitava-se a muito poucos ligados formalmente ao Partido Comunista. Os demais formavam vasta gama dos que eram carimbados de inocentes úteis, simpatizantes ou progressistas.

O Departamento de Educação e Cultura animava as discussões sobre o futuro da UFC e lançava os Seminários Anuais de Professores, os mesmos que consagraram o dístico “Do e para o Universal pelo Regional”. Os trabalhos que detalhavam as premissas, os grandes objetivos e as ações a serem cumpridas ano a ano, despertaram o interesse de alguns Estados e universidades de todo o país. Ao receber muitos elogios de Darcy Ribeiro, o emblemático visitante que, com Anísio Teixeira, planejava a nova Universidade do Distrito Federal de Brasília, certamente a notícia do que se fazia no Ceará ganhou evidência nacional.

O projeto cearense teve o apoio da USP que ajudava a definir a instalação imediata de uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL). A USP trazia com ela a experiência de quase 30 anos realizada com o apoio de notáveis professores visitantes. Para nós, agradecidos e admirados, era um longo tempo. Hoje percebo que a USP também estava começando.

Fase de ebulição de ideias, de descobertas, de troca de informação. Havia sempre alguém nos visitando para discutir ideia nova: algum dado que obtivera de um amigo que estivera no exterior, um livro novo, um artigo de revista.

Uma novidade virou tema de conversa entre os interessados: lançado o Dicionário de Sociologia, Editora Globo, Rio Grande do Sul. A novidade se esgotou rápido. Certamente venderam os três ou quatro exemplares que chegaram às livrarias da cidade. Algum tempo depois, eu estava na USP, na sala de Florestan e chegou o vendedor

da Editora. Na hora recebeu uma lista de reclamações sobre erros nos verbetes. Ficou nervoso com os comentários e saiu apressado dizendo que ia imediatamente falar com a matriz para as devidas correções. Testemunhei naquele dia o peso da opinião emitida por Florestan.

Pessoas curiosas em conhecer nossos documentos se revezavam vindos do Norte e do Centro-Oeste, cada um chegava contando a sua aventura universitária; e eu, entre surpreso e orgulhoso, aprendia que o Brasil estava nascendo para a vida universitária e que nós, no Ceará, estávamos bem posicionados.

Em 1959 ingressei no curso noturno de Direito da UFC. Como dito anteriormente, durante o dia trabalhava no Departamento de Educação e Cultura na montagem do Seminário Anual de Professores. À noite, a cadeira Introdução à Ciência do Direito levava-me ao encontro da Filosofia e a chance de conhecer os autores que desde o Iluminismo lançaram as bases para a existência de um homem e uma sociedade diferentes do que a humanidade experimentara até então. Durante o dia meu aprendizado se dava mais profundo e mais diversificado nas conversas que diariamente tínhamos no Departamento de Educação e Cultura com os professores mais experientes do Ceará e que, em geral haviam estudado fora, em São Paulo, Bahia, Recife ou no exterior.

Tive sorte com os amigos: Luiz Gonzaga, Narcélio Sobreira, Paulo Elpídio, Lustosa da Costa. Longas conversas noturnas sobre o atraso histórico e o conceito de desenvolvimento, associado ao terceiro mundismo. Finalmente o Brasil chegara ao estágio que outros povos atingiram anteriormente: indústria, emprego, educação superior, pesquisa, algumas palavras novas que a maioria das pessoas no Ceará (e no Brasil) usava e conhecia. Era o estágio máximo da civilização que o Brasil podia finalmente pretender.

As teorias terceiro-mundistas em voga condicionavam os rumos a seguir e com elas a consciência de que o Brasil deveria ser uma potência intermediária que poderia liderar os países em desenvolvimento. Nós acreditávamos no potencial do Brasil, apoiados no otimismo herdado do período JK e na convicção de que as universidades seriam o grande instrumento de mudança do país. Entre os professores e dirigentes que lideravam a UFC, predominava a ideia de uma universidade desenvolvimentista, voltada para a solução dos grandes problemas regionais e nacionais. Isso numa fase de acirrado antiamericanismo e de críticas à experiência do pretense governo científico na União Soviética.

O Brasil seria a terceira via; ouvi esse prognóstico de pessoas ilustres que nos convenciam disso. Apesar do antiamericanismo, a atração pelos Estados Unidos era muito superior à curiosidade que tínhamos pela União Soviética. A Guerra e o pós-guerra foram momentos de grande simpatia pelo conforto, pela capacidade técnica e científica dos norte-americanos. O aceno a Cuba desafiando o poderio *yankee* foi o gesto simpático ao terceiro-mundismo.

Nesse ambiente de dúvidas e estímulos é que, em 1962, Luiz de Gonzaga Mendes Chaves e eu partimos para a Alemanha, com bolsa do DAAD<sup>3</sup>. Um voo cego porque não tínhamos a mais remota ideia de como seria o curso. Luiz foi primeiro. Meses depois fomos eu e o Alexandre Saboia (Engenharia Elétrica) para encontrá-lo em Bonn. As primeiras conversas deixavam claro que nossa preocupação era conhecer os clássicos. Ao mesmo tempo, ele em Bonn e eu em Munique, percebemos que não existia à nossa espera uma Sociologia Alemã empacotada para os propósitos que tínhamos de fazer da UFC um instru-

---

3. Deutscher Akademischer Austauschdienst (em português, Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico).

mento do desenvolvimento do Brasil. Decidimos um encontro logo que surgissem alguns dias de folga, queríamos tratar do nosso futuro profissional.

Minha chegada a Munique, após um bem sucedido curso de língua alemã, foi agradável e de boa acolhida. De imediato fui ao Departamento de Sociologia falar com o professor Emerich K. Francis. O homem era informal, simpático. Recebia os alunos estrangeiros que chegavam com especial atenção. Reproduzo nossa primeira conversa.

— “Então você é do Brasil?! Bem vindo”. A seguir me contou que o destino não quis levá-lo ao Brasil. Amigo de família de Hans Stern, dono da famosa loja H. STERN, combinou uma fuga para o Brasil. Estava em Liverpool aguardando o barco quando houve a Declaração de Guerra. No nervosismo da hora tomou o último navio para o Canadá. Atravessou a fronteira para os Estados Unidos (na época era bem mais fácil entrar) e terminou na Universidade de Notre Dame, onde fez carreira.

A segunda pergunta: — “O que você espera de nós?” Fiquei embasbacado. Ele percebeu meu constrangimento e falou: — “Os alemães ainda não têm boa Sociologia. Somos mais filósofos que sociólogos, reflexivos e distantes da realidade. Mudaremos um dia, retornei para Munique com esse propósito. Li nos seus papéis que você quer fazer um curso de Sociologia do Desenvolvimento. Confirma”? Sim, confirmei ainda abatido pelo impacto da pergunta. Ele continuou: — “Quem tem Gilberto Freyre não precisa vir estudar na Alemanha. Você leu Gilberto”? Com outro sim, respondi que lera *Casa Grande & Senzala* e *Sobrados e Mocambos*. — “Ótimo, quem sabe fazemos um seminário juntos!?”.

Depois de falar um pouco mais sobre a Sociologia de Gilberto, ele me perguntou se eu não pensava em estudar nos Estados Unidos. Eu

já estava mais descontraído, respondi que no futuro, mas teria que aproveitar a experiência na Alemanha. Ele sorriu, disse-me que ajudaria e logo determinou que um jovem professor (Dr. Heiner Treiner) montasse um programa de leitura comigo, complementar às aulas.

Escolhemos o primeiro livro, um livro que vi traduzido no Brasil alguns anos depois. O autor era um suíço-alemão que estava no Chile dirigindo a FLACSO, Peter Heintz. Na mesma época, alguns colegas que hoje são nomes importantes nas Ciências Sociais do Brasil eram seus alunos: Simon Schwartzman, Antônio Octávio Cintra e Fabio Wanderley Reis. O livro, recém-lançado na Alemanha, era considerado um clássico da Introdução à Sociologia.

Antes de se despedir ainda aconselhou-me a não enveredar pela Sociologia de Frankfurt, a não ser que meu interesse fosse jurídico e filosófico. Saí feliz, um pouco confuso, mas aliviado pela candura do tratamento. Na saída comprei o último exemplar da Koelner Zeitshrift, a famosa revista de Sociologia fundada por Leopold Von Wiese e continuada por René Koenig, à época o maior nome da Sociologia Alemã.

Tive bons professores, o melhor e o mais famoso de todos Eric Voegelin, professor em Munique, Harvard e Stanford, reconhecido por haver modernizado a Ciência Política, aproximando-a da Sociologia Comportamental. Mas sua paixão era criticar Marx, para ele, um deliberado mistificador que distorceu Hegel com o intuito de justificar a violência na política.

Suas aulas magnas atraíam centenas de ouvintes e um grupo marxista fazia questão de chegar cedo, sentar à frente nas primeiras cadeiras para fustigar o irascível professor. As discussões eram de nível elevado, mas sempre descambavam para acusações de natureza ideológica. O tema da moda era Fidel Castro, que estava no auge de

sua revolução em Cuba, com o recente episódio dos mísseis. Alguns de meus colegas desconfiavam dos alunos rebeldes que podiam manter relações com a Alemanha do Leste. Nunca confirmei, apesar da intensa atividade de espionagem que se comprovou verdadeira em ambos os lados.

Um amigo e colega no dormitório universitário onde me hospedei suicidou-se; logo correu o boato que ele era espião do Leste e fora descoberto; preferiu o autossacrifício ao temor de uma eventual prisão. O boato persistiu e parece que tinha fundamento. Nesse episódio, um detalhe humano comoveu a todos nós do dormitório e que narro somente para fixar o ambiente de época, na Alemanha que se recuperava da Guerra. Sua família era apenas uma irmã mais nova que fugira com ele na mala de um carro, pois todos os outros familiares estavam mortos. No discreto enterro, a irmã parecia uma estátua de pedra e foi a única a falar. Correu os olhos sobre nós, os quatro ou cinco colegas do dormitório, e disse três curtas frases: – “Obrigada por estarem comigo despedindo meu irmão. Adeus, meu querido irmão. A partir de agora, para mim, o mundo sou apenas eu”.

Luiz e eu decidimos retornar ao Brasil. Avaliamos que seria melhor concluir a graduação e partir para a pós-graduação em outro local. Nessa época Paulo Elpídio, já formado, seguiu para a França.

Meu retorno ao Brasil se deu no dia 1º de março de 1964. Fui à Praça do Ferreira cortar o cabelo e presenciei um quadro de baderna assustador. Indivíduos gritavam palavras de ordem a favor do comunismo, sem nenhuma organização aparente. Não havia sinal de manifestação organizada; grupelhos dispersos pareciam se alimentar das próprias conversas, reagindo ao que vinha de dentro ou de qualquer sinal vindo de fora que os excitasse. Vaias intermitentes no melhor estilo do apupo cearense contagiavam o ambiente e eu ria sem saber

exatamente o motivo. Nem tudo era riso: não me livreí do susto de uma bomba “rasga lata” que explodiu muito próximo. Depois da primeira, testemunhei a explosão de outras bombas, quase sempre comemoradas com palavras chulas pronunciadas ao vento.

Entreí na barbearia com a sensação de chegar a um refúgio. Cada um que entrava era recebido com uma piada, como se atravessar a praça fosse uma aventura de risco. Não havia sinal de violência nem de repressão da polícia; o barulho era tão somente grande, caótico e inócuo.

Na barbearia as conversas individualizadas eram socializadas e comentadas. Um cliente mais idoso, a cada nova explosão, protestava: – “isso não vai dar certo”. Uns concordavam, outros riam; não creio que nenhum dos presentes, aparentemente pessoas comuns, soubesse o que estava para vir nos dias próximos. Para quem estava chegando da silenciosa Alemanha, o que presenciei naquele sábado foi assustador.

Na saída do barbeiro encontro Tarcísio Leitão (colega de faculdade e conhecido ativista de esquerda). Grande abraço. Entregame um jornalzinho, menciona o valor que devo pagar e diz: – “Compre e guarde; você pode precisar; esse é o seu passaporte para livrá-lo de problemas após a nossa revolução”. Com a mesma simpatia de sempre continuou seu caminho. Permaneci mais alguns minutos olhando o movimento da Praça, tentando entender o que significava o estranho movimento cívico. Estranho porque mais parecia o ensaio desorganizado de uma festa pré-carnavalesca.

No local combinado, entro no carro que foi buscar-me. Meu pai estava tenso e repetiu para mim o que ouvi no barbeiro: – “isso não vai dar certo”. Comentei que alguém dissera o mesmo na barbearia. Ele estava furioso com as atitudes de João Goulart, acusando-o de le-



viano e fraco, a serviço do peleguismo. Não alongou a conversa, para a família, eu era “meio comunista”, acho que ele temia me perguntar o que eu pensava de tudo aquilo. Preferi desviar o assunto com a frase “no Brasil nem revolução é levado a sério” e contei o episódio do encontro com o Tarcísio. Ele riu, não deu atenção ao jornalzinho, balançou a cabeça e disse: – “esse Tarcísio não tem jeito, é da natureza; o pai, um carola, e ele comunista. Até acho que é mais baderneiro que comunista; na velhice será um burguês cheio de dinheiro”.

O resultado é conhecido: a revolução que aconteceu não era a do Tarcísio.

Não prosseguirei com esse depoimento, o objetivo aqui é outro: minha formação e a formação das Ciências Sociais a partir de 1964. No período que estive ausente evoluiu o trabalho do Seminário Anual dos Professores e foi instituída a nova Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) que integrou o projeto da UFC.

Com a FFCL foi instituído um conjunto de novos cursos nas áreas das Ciências Básicas e das Ciências Sociais; estas ficaram no papel porque não existia corpo docente e nem a cidade dispunha de recursos humanos preparados para atender à demanda proposta. As Ciências Básicas se adiantaram na incorporação dos antigos institutos; as Ciências Sociais se localizaram no Departamento de Educação, deixando o Instituto de Antropologia isolado.

No segundo mês após meu retorno da Alemanha, recebi ordem para me apresentar ao Doutor Thomás Pompeu Brasil, diretor do Instituto de Antropologia. Outra grata experiência no início de minha vida profissional; o Doutor Thomás Pompeu era um engenheiro com características aproximadas do que hoje chamamos de “renaissance man”. Conhecia a realidade rural cearense, tinha preocupações avançadas sobre o futuro de nossa sociedade e vasta cultura que abrangia

da Engenharia à Literatura, passando pela Antropologia Clássica.

A primeira conversa foi esclarecedora e definitiva: o Instituto estudaria o Ceará, começando pela descrição fisiográfica e cultural dos ambientes rurais e urbanos até que se pudesse desenhar um mapa completo da realidade do Estado. A partir do diagnóstico (palavra que ouvi), os outros órgãos cuidariam da ação desenvolvimentista. Entre curioso e cético duvidei do funcionamento futuro dos projetos, da forma arrumada com que me descreveu. Calei-me e preferi não pensar no assunto. Admitia que um homem com tanta experiência sabia o que fazer.

As enormes e delicadas mãos daquele homem de mais de oitenta anos de idade abriram uma pasta com as pesquisas em andamento ou já concluídas sobre os tipos de cercas que os trabalhadores rurais criaram ao longo dos séculos da formação rural brasileira; fantástico legado de inteligência e arquitetura pela efetividade e baixo custo de cada um dos tipos pesquisados. O homem tinha uma memória prodigiosa, era capaz de ligar e interpretar as hipóteses que ele formulara sobre a presença de povos antigos nos sertões cearenses. Estudara alguns sítios com inscrições rupestres, conhecia profundamente a distribuição das tribos indígenas no território cearense, as migrações provavelmente responsáveis por muitas dessas inscrições e, por fim, me surpreendeu ao interpretar alguns desenhos como símbolos vikings.

Apresentou-me à equipe; era jovem e com interesses variados. Não mencionarei todos por não interessar ao objetivo do texto. Francisco Alencar, José de Alencar, João Pompeu e Teresinha Alencar formavam o grupo que comandava a Antropologia Cultural. Francisco e José fizeram cursos rápidos de alguns meses no Museu Nacional e com isso se tornaram referência na cidade. Antropólogo ainda era uma denominação pouco usual; havia pessoas que se diziam sociólo-

gos, mas antropólogos era incomum.

Inteligente e vivaz, Francisco tinha amizades com pessoas da Paleontologia do Museu Nacional e conhecia alguns cientistas que incurSIONARAM pelo Ceará. Por intermédio dele tive notícia da passagem de um antropólogo carioca que trabalhava no Instituto Nacional de Reforma Agrária e que pesquisara a Serra da Ibiapaba. Luiz Fernando Raposo Fontenelle era seu nome.

Do Instituto lembro minha participação em um estudo multidisciplinar promovido pelo PUDINE (Programa Universitário de Desenvolvimento Industrial do Nordeste). João Parente, engenheiro que dirigia o Projeto, procurou o Instituto e informou a decisão de repetir em Sobral (região Norte do Estado) a experiência conduzida no Cariri (região Sul do Estado) pela Universidade da Califórnia. No Cariri, o Projeto recebeu o nome de Morris Asimow, professor dessa universidade americana e seu idealizador. Em síntese, o Instituto realizaria um levantamento social precursor para identificar o potencial de mão de obra existente em Sobral e estudar a possível receptividade ou rejeição a um projeto de desenvolvimento industrial na região.

A experiência do Cariri com a implantação de uma fábrica de cimento resultara em graves reações contrárias ao projeto e temia-se que a notícia pudesse repercutir negativamente em Sobral. Por isso, a missão do Instituto seria colher dados, informações e, concomitante, divulgar o novo formato do projeto. Sob a liderança de João Parente, a decisão foi de antecipar a divulgação da ideia em ambientes empresariais e políticos da cidade para observar possíveis objeções.

Francisco Alencar fez os contatos iniciais com as autoridades e participou do treinamento das equipes locais. O Prefeito Cesário Barreto era meu amigo, fiquei encarregado de procurá-lo. Depois da equipe instalada, Alencar se ausentou totalmente do projeto. Eu formulei e

apliquei os questionários, escrevi o Relatório Final e, a pedido de João Parente, continuei acompanhando as equipes de intervenção responsáveis pela preparação dos projetos empresariais. Somente deixei o Projeto na fase final, quando os projetos industriais estavam em fase de execução. Os resultados do projeto foram bastante satisfatórios, meu Relatório foi muito procurado, recebi visita de pessoas de outros estados para conhecer a metodologia. Nada que me impressione aos olhos de hoje. Para a época, acho que foi uma novidade que deu certo.

Apesar do aparente sucesso, saí frustrado do Projeto Sobral. Reconheci a enorme fragilidade acadêmica e técnica do instituto (na qual me incluo) e concluí que meu esforço deveria ser dirigido para a formação de um grupo mais amplo de Ciências Sociais.

A essa altura o Curso de Ciências Sociais estava criado no papel, ainda atrelado ao Departamento de Educação. O diretor da FFCL, Padre João Batista Luz, e o chefe do Departamento de Educação, Valnir Chagas, achavam (com alguma razão) que ainda não havia um grupo capaz de assumir a tarefa de conduzi-lo. Por enquanto, ficaria preservado sob a guarda de Valnir.

Eu sabia disso desde o primeiro semestre de 1964, quando recebi a honrosa visita dos dois citados professores. Valnir era amigo, mas o Padre Luz eu não conhecia. Padre Luz foi quem explicou: – “precisamos que você dê aula para 120 alunos, duas turmas de Introdução à Sociologia. O professor indicado foi preso pela Revolução, esperamos um velho professor que virá do Rio de Janeiro para ajudar, enquanto isso, somente você pode assumir, não há outro na cidade”. Senti o costumeiro frio na espinha que todos os iniciantes afirmam sentir e expliquei que seria impossível, eu ainda não concluíra a graduação.

Não adiantou. Padre Luz foi incisivo, preferia um estudante que soubesse a matéria a alguém que tivesse a titulação. Explicou que re-

muneraria meu trabalho ao final do semestre porque precisava estudar um “jeito de como pagar”. Assumi as aulas por mais de dois meses enquanto o professor chegava do Rio de Janeiro. Quatro horas seguidas, três vezes por semana; no total 126 alunos, 120 mulheres e seis homens dos cursos de Educação, Geografia e outros que nem lembro mais. Até então eu ainda não sabia, mas aprendi que em universidade também existia jeitinho. Nunca recebi um tostão pelo trabalho; não me aborreci, valeu a experiência.

Com a minha frustração, decidi procurar Paulo Elpídio, à época professor de economia na FFCL. Sabíamos que no Ceará éramos ainda mal formados, que faltava uma liderança intelectual robusta capaz de estimular, ampliar contatos e ajudar na definição de um rumo acadêmico para nossas pretensões. Discutimos a ideia de juntar o Instituto com o novo curso que estava sob a tutela do Valnir, motivo suficiente para importar alguém com currículo melhor que o nosso.

Não precisei me esforçar, Paulo também estava convencido. Na hora discutimos ideias, mas faltavam nomes. Foi quando mencionei o nome lembrado por Francisco Alencar: Luiz Fernando Raposo Fontenelle. Expliquei que não o conhecia, mas Alencar dissera tratar-se de pessoa muito preparada, falava inglês, estudara nos Estados Unidos. Paulo conversou com Doutor Martins, ideia aprovada; Alencar topou fazer contato; Fontenelle aceitou vir ao Ceará para uma primeira conversa; o resto já se sabe: ele veio e assumiu a direção do Instituto no lugar de Doutor Pompeu, doente e cansado.

No Instituto de Antropologia discutimos a ideia de trazer o novo Curso de Ciências Sociais e colocá-lo sob a mesma direção. Fui encarregado de conversar com Valnir. Após uma longa conversa em sua casa, ele decide entregar o Departamento de Ciências Sociais ao Fontenelle. O restante também já se sabe.

A partir de então, muita coisa aconteceu de forma rápida e inesperada. Um dia recebemos a visita de Roberto Cardoso de Oliveira, catando alunos para o novo Mestrado de Antropologia Social do Museu Nacional. Eu, subchefe do Departamento, o recebo. Combinamos quem poderia participar da seleção; iriam logo alguns professores. Muitas conversas e uma amizade para sempre.

Desde então, não faltaram visitas de brasileiros e estrangeiros. Novas amizades e novos projetos. Paralelo à montagem do curso para fazê-lo funcionar estruturamos um ambicioso projeto de pesquisar o Ceará. A ideia era dar continuidade ao trabalho definido por Thomás Pompeu Brasil, uma forma de homenageá-lo e de vincular o novo curso aos assuntos do Ceará. Almofala e Canoa Quebrada foram projetos concebidos para formar pesquisadores e reunir trabalhos para estimular a pós-graduação dos próprios professores.

A partir de 1968, concomitante ao início do Curso de Ciências Sociais, começa a revoada de professores para fazer pós-graduação. Um intervalo de vários anos com muitos de nós estudando fora: fui para os Estados Unidos (Wisconsin); Luiz, João Pompeu e Terezinha Alencar seguiram para o Museu Nacional, no Rio de Janeiro.

Retorno dos Estados Unidos em 1972. Encontro o ambiente mudado com alunos em quantidade. Diferente da USP, que contou com os professores estrangeiros, a UFC não tinha ainda um corpo docente forte. Com um detalhe adicional significativo: começamos a receber uma enorme pressão externa solicitando apoio e consultoria. O entorno era mais frágil que nós.

O Projeto Piauí, do Governo Federal foi uma importante demanda que abriu as portas para novas amizades. Participei da equipe e envolvi-me com um trabalho gigantesco de muitos meses. Realizei longa viagem na companhia de Roberto da Matta, Fábio Wanderley Reis,

Roque Laraia, Clóvis Cavalcanti. A InterAmerican Foundation abriu espaço para outros trabalhos.

Novamente Paulo e eu, ativos em confabulações. Decidimos criar um programa permanente, com um longo curso de especialização de 600 horas (PRAPSON), base sobre a qual poderíamos evoluir para um mestrado. Deu certo, o curso de especialização e a seguir o Mestrado. Fontenelle, afastado do Ceará, veio do Rio de Janeiro para discutir o assunto e colaborou. Nesse momento Paulo já era Diretor da Faculdade de Ciências Sociais.

(Uma curta digressão: o nome PRAPSON — Programa de Aperfeiçoamento de Pesquisadores Sociais do Nordeste — era objeto de piada dos alunos. Parecia nome de laboratório farmacêutico. Desde o início foi apelidado de Laboratório Prapson).

Sou convidado para ir ao Rio de Janeiro, reunião no Museu Nacional. O CNPq e o Ministério do Planejamento queriam conhecer a pesquisa e a pós-graduação do país. Instalado o novo Sistema Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, a ideia era formular um Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PBDCT) para o país. Para isso precisavam de dados que inexistiam. Convocam pessoas de todo o Brasil para escrevê-lo. Dois a três dias de intenso trabalho. O grupo representava a Antropologia, a Sociologia e a Ciência Política, umas trinta pessoas ao todo. Logo no primeiro dia conheci o coordenador nacional do trabalho, o professor de Matemática Lindolpho de Carvalho Dias. Desde esse dia nasceu uma amizade que perdura até hoje.

O PBDCT foi o marco que orientou todos os planos seguintes, principalmente o Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG) e o Projeto Nordeste de Pós-Graduação. Afirmar que o planejamento governamental e os planos nacionais foram ineficazes é uma falsa generaliza-

ção. Esses dois planos (1976-1979) foram cumpridos, superaram suas metas e realizaram o objetivo de ensinar e difundir os fundamentos da pós-graduação que se desejavam disseminar no país.

Para dar uma ideia do tamanho da comunidade científica brasileira (1975), lembro que à tarde do segundo dia de reunião no Museu Nacional, o grupo chegou à conclusão de que precisava listar os nomes dos doutores (PhD) em Ciências Sociais existentes no Brasil. Suspensa a reunião, foi solicitado aos presentes que elaborassem uma lista dos doutores a partir do conhecimento pessoal de cada um. Em menos de uma hora concluímos a lista, por nome. Um pouco mais de uma centena de pessoas em todo o país; mais da metade atuando em São Paulo.

Por essa época tivemos a ideia de realizar em Fortaleza uma reunião com todos os Mestrados existentes no país. Os cursos que estavam funcionando e algum grupo promissor que estivesse próximo de funcionar. Queríamos conhecer pessoas e criar amizades (ainda não existia o conceito de *networking*). Pensamos convidar os dirigentes de agências. Paulo e eu buscamos financiamento no Estado; queríamos a promessa de pagamento da hospedagem.

De Brasília veio resposta do INEP: participaria e pagaria as passagens. Outras instituições não responderam. Tudo caminhava bem, decidimos acreditar nas promessas. Convites expedidos para Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo (Capital), Campinas, Bahia, Pernambuco. Não lembro todos os participantes: Neuma Aguiar, Luiz Pereira, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Manoel Tosta Berlinck, Roberto Cardoso de Oliveira, Roque Laraia, Roberto da Matta, Heraldo Souto Maior, A. Machado Neto e outros. O representante da UFRGS, não lembro o nome.

A reunião foi um sucesso para todos, menos para mim. Enfrentei



a minha primeira internação hospitalar por conta de uma pneumonia dupla adquirida: tensão e gripe, uma combinação letal. Regis Jucá, médico e amigo de geração, deu rápido o diagnóstico: tensão mata. Acreditei, deixei tudo na mão de Paulo e me internei.

Todos chegaram e se hospedaram. As reservas feitas em meu nome e eu não tinha um tostão para pagar o hotel, teria que trabalhar muitos meses para cobrir a despesa. Não morri e após um mês exato, sem que nenhum dos participantes tivesse sabido, consegui que o Governo do Estado pagasse a conta.

Terminada a reunião recebi a visita no Hospital de uma comissão liderada por Roberto Cardoso e Neuma Aguiar; trouxeram a boa notícia de uma proposta de criar uma associação nacional dos cursos; Neuma era a mais entusiasmada, acertou uma próxima reunião no Rio de Janeiro, na Cândido Mendes para avançar com a ideia.

No Rio de Janeiro, meses depois houve a reunião e outros atores se envolveram com muito interesse e determinação. Do Ceará fomos uma pequena delegação (Paulo, Diatahy<sup>4</sup> e eu). A ideia avançou, mas não foi conclusiva.

Algum tempo depois percebi que o assunto migrara de Neuma Aguiar para o saudoso amigo Olavo Brasil. A essa altura, os cearenses apenas acompanhavam o movimento, porque o domínio dos cariocas e paulistas era incontestável. Finalmente, em 1977, a ANPOCS foi instituída, impondo-se a forte liderança de São Paulo, mas ficando a secretaria executiva nas mãos de Olavo, apoiado por Violeta Monteiro, uma dupla de grande capacidade de trabalho.

A ANPOCS nasceu com sorte. Explico: Roberto Cardoso havia se transferido do Rio (Museu Nacional) para Brasília; pouco depois fui

---

4. Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes é um dos professores pioneiros do Curso de Ciências Sociais.

para a CAPES. Em Brasília um estreito convívio nos aproximou ainda mais, no entorno de amigos comuns como Roque Laraia e Hécio Saraiva. Quando a ANPOCS deslanchou, diversas vezes ouvi Roberto reclamar que a associação nunca registrara o esforço inicial do Ceará. Eu brincava dizendo que fomos vítimas do “imperialismo paulista”.

Na verdade nunca pensei nisso por uma simples razão: não patrocinamos a reunião para propor a ANPOCS, queríamos tão somente firmar nossa presença no cenário brasileiro e atrair amigos para nossa causa. A ideia veio à tona pela iniciativa de Neuma e dos demais participantes. E, ao final, o esforço que materializou a ANPOCS, e que eu gostaria que fosse lembrada, foi o trabalho final e decisivo conduzido por Olavo Brasil, do IUPERJ.

A sorte da ANPOCS anteriormente referida se relaciona à minha mudança para Brasília. Em 1977 eu já era diretor-adjunto da CAPES quando Olavo e Violeta Monteiro me procuraram pedindo apoio financeiro para a reunião. Na mesma época, recebi a visita do Francisco Weffort (Presidente da ANPOCS) com o mesmo objetivo. Claro, não foi preciso nenhum esforço deles, pois o meu apoio era total, sem falar que o diretor-geral, Darcy Closs, era favorável à criação de associações semelhantes.

Enquanto estive na CAPES, a ANPOCS recebeu suporte financeiro para suas reuniões. E não demorou a contar com outra fonte expressiva, no caso a FINEP. Mário Machado, que era da diretoria da ANPOCS, assumiu uma diretoria da FINEP e anualmente nós combinávamos os auxílios. Uma crítica recorrente que eu fazia, e que a diretoria da ANPOCS não acatou de imediato, foi de ancorar a reunião em um único local, como faziam os matemáticos há anos com bastante sucesso. Demorou. Finalmente as reuniões se fixaram em Caxambu.

Mencionei a mudança para Brasília, mas não informei como cheguei lá e em que condições. Em 1975, as novas autoridades do MEC (Governo Geisel) procuravam atrair professores para ajudar na organização do Ministério e suas agências. A CAPES mudara do Rio para Brasília com 13 burocratas da administração. Darcy trouxera alguns poucos amigos da UFRGS, mas precisava de assessores de nível superior, com pós-graduação.

Este registro comporta uma observação pessoal e outra profissional.

Quando o Reitor Walter Cantídio recebeu o pedido de disponibilizar professores para ajudar no MEC, sugeriu dois nomes: Paulo Elpídio e o meu. Paulo foi o primeiro a ir, ajudou na montagem do PICD e retornou. Em seguida fui e aceitei coordenar a elaboração de um Projeto Nordeste de pós-graduação. Mas Cantídio era muito pragmático, entendeu que era importante colocar professores da UFC em Brasília.

Poderia omitir esse detalhe pessoal do depoimento se não fosse para registrar as dificuldades que passei sob a acusação de privilegiar a UFC em todas as funções que exerci. Em determinado momento, ao permanecer mais tempo em Brasília, percebi que teria de sacrificar minha carreira acadêmica incompleta. Optei por tentar uma carreira de gestor educacional e de C&T com chance de beneficiar mais pessoas. Valeu a pena.

A observação profissional é mais interessante. Ao chegar a Brasília, com a missão de escrever e coordenar um projeto de desenvolvimento da pós-graduação do Nordeste, convivi com o grave problema da falta de dados. A burocracia brasileira à época gostava menos de números do que talvez goste hoje; tive que construir dados “na perna”, visitando cada universidade e cada curso existente, na tentativa de compor uma base numérica confiável. Adicional aos números,

a preocupação com a ideia de privilegiar um segmento regional sem perder o foco e o apoio nacional. Saí do roteiro regional e cumpri um roteiro nacional, escolhendo pessoas e cursos com prestígio nacional para ajudar-me.

Aprendi muito com os melhores cursos do país que entenderam e apoiaram o propósito do projeto de elevar o nível acadêmico regional para equilibrar o desenvolvimento científico e a pesquisa nacional. Alguns não entenderam a preocupação regional; durante anos repetiram a mesma ladainha de opositores ao projeto; não lembro mais o nome de nenhum desses aflitos opositores; desapareceram sem deixar rastro.

O Projeto Nordeste de Pós-Graduação teve o privilégio de ampliar o orçamento da CAPES. Consegui negociar um aditivo ao orçamento que se repetiu por quatro anos, fato que surpreendeu os dirigentes do MEC: uma negociação pessoal com os colegas do PIMES<sup>5</sup> e com a coordenação do IPEA<sup>6</sup>, assunto que tratei pessoalmente com Roberto Cavalcanti de Albuquerque. Contou com a aprovação do Ministro Reis Velloso, do Planejamento. Por conta disso, o projeto deu tão certo que sobrou dinheiro para investir nas pró-reitorias de pesquisa e pós-graduação que começavam a existir em todo o país. O suficiente para a CAPES realizar um feito até então inédito: dar um computador de mesa a cada uma das pró-reitorias, sem o que o projeto de Avaliação da Pós-graduação jamais teria saído da intenção. A pós-graduação brasileira deve isso ao Projeto Nordeste.

O conhecimento travado com os outros cursos do país não se limitou às Ciências Sociais. E tanto me ajudou a conhecer a realidade educacional brasileira, como serviu para alertar sobre a nascente pre-

---

5. Programa de Pós-Graduação em Economia da UFPE.

6. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

ocupação brasileira e internacional com a multi e a interdisciplinaridade. Dei-me conta do quanto alguns pesquisadores de outras áreas conheciam os problemas de nossas áreas e vice versa. A integração se dava no coração da pesquisa, na expertise metodológica, no domínio dos números, das técnicas e da lógica que fundamentam a formação de dados e a busca do conhecimento novo.

O volume de pessoas fazendo Mestrado e Doutorado (no país e no exterior) permitiu, em curto tempo, uma alentada expansão da pós-graduação. Tempo suficiente para expandir a quantidade, mas exíguo para gerar qualidade e competitividade. Devo resumir o período descrito neste capítulo como sendo um salto espetacular na quantidade, com reduzido resultado na qualidade. Apesar de havermos alcançado índices espetaculares para quem antes não dispunha de quase nada, ainda mantemos fragilidades que incomodam a consciência da comunidade científica do país.

As Ciências Sociais se enquadram no mesmo modelo de expansão abrupta, com um detalhe: é um conjunto de ciências bastante paróquial porque, diferente das ciências físicas e da natureza, o forte de sua produção é escrita em português e interessa primordialmente ao público brasileiro. Este registro é relevante quando se quer avaliar a temática e a qualidade de nossa produção científica

Uma observação final, uma mera curiosidade sobre os primeiros anos de nossas universidades. No caso da UFC, o primeiro reitor formado em universidade foi o Paulo Elpídio, em 1979. Antes dele, todos os demais foram formados em escolas isoladas, sem o ambiente propício para saber como conduzir uma universidade e sem nenhuma experiência internacional anterior ao exercício do cargo.

## IV – Hoje, o que construímos e o que somos

Para um curso universitário com alguns dos atores iniciais ainda vivos, o passado de 50 anos é indicador de juventude institucional. Uma juventude cuja evolução deve servir ao amadurecimento do grupo: corrigir omissões e atualizar-se diante da nova realidade do século XXI. Ou seja, corrigir e atualizar-se pensando no futuro.

Criado o Departamento e diversificadas as múltiplas áreas das Ciências Sociais, com o passar dos anos os pesquisadores da UFC identificaram seus interesses de estudo. A variação temática ampliou-se indefinidamente, mas a amplitude em si não constituiu problema, porque a essência da proposta se manteve íntegra.

Refiro-me à valorização da metodologia científica que baliza os trabalhos de investigação em todas as Ciências Sociais. As novas gerações seguiram o princípio adotado pelos fundadores, o de que nas Ciências Sociais a metodologia é que define sua cientificidade.

Ao longo do período de 50 anos somaram-se dezenas ou centenas de teses, artigos, estudos encomendados, pesquisas espontâneas, individuais ou coletivas, de iniciativa própria ou em cooperação nos mais diversos temas, portanto, posso afirmar que as Ciências Sociais da UFC são bastante produtivas.

Isso me leva a uma certeza e a uma dúvida.

A certeza de que, no curso, as novas lideranças que nos sucederam mantiveram a preocupação com o refinamento metodológico em todas as subáreas das Ciências Sociais da UFC, comprovada por um fato real: no conjunto das Ciências Sociais brasileiras os cursos de graduação e a pós-graduação da UFC sempre foram bem avaliados. Imagino que, para isso, os avaliadores externos usaram os melhores parâmetros das avaliações existentes e consideraram a produção cien-

tífica no mínimo apropriada, comparativamente à média da produção brasileira.

A dúvida se refere à temática pesquisada, com a apreciação de um fato real e de uma suposição. O fato real, comum nas comunidades científicas de países periféricos, é a dependência da produção científica fortemente inspirada na temática nacional e internacional oriunda dos centros mais avançados onde a maioria dos pesquisadores estudou (um vício regional que seria de toda a Ciência Social latino-americana). A suposição decorre de uma observação preliminar sobre a escassa integração das Ciências Sociais com outras áreas acadêmicas da UFC mais relacionadas ao tema do desenvolvimento. Sem criticar as atuais linhas de pesquisa dos meus colegas (não conheço todas), permito-me indagar qual o motivo de haver pouca pesquisa multidisciplinar em cooperação dentro da UFC. Se não me provarem o contrário, insistirei na proposta de que o momento atual é favorável à discussão sobre a escassez de pesquisa em assuntos relacionados ao desenvolvimento do Ceará. Voltarei ao tema.

Retorno ao passado para contar um pouco mais da história.

Os fundadores do curso de Ciências Sociais da UFC concentraram seus esforços na qualidade metodológica da pesquisa porque essa era a boa novidade de época, o lastro de segurança que garantiria ao curso uma posição competitiva e sempre atual. Com o reconhecimento de que as Ciências Sociais queriam ser ciência. A mesma atitude adotada pelos principais grupos que ainda hoje lideram a pesquisa em ciências sociais no Brasil, a partir de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco e Santa Catarina.

Por isso, na fase inicial que institucionalizou e expandiu as universidades em todo o território nacional (1970 em diante), o nosso espelho era a nova intelectualidade com formação sistemática em pesquisa.

Mais bem formada e com doutoramento formal nos melhores centros internacionais, essa nova geração ocupava o espaço dos grandes ensaístas do passado. Aqueles ensaístas que a partir das faculdades de direito e do próprio estamento burocrático estudaram as instituições, a organização social e política do Império e da República e a nossa administração pública.

Os novos PhD's significavam a modernidade. Quase todos oriundos de universidades e ligados aos novos cursos de Sociologia, Antropologia, Economia, Ciência Política. No imaginário nacional, o orgulho de que finalmente o Brasil alcançava o topo da pirâmide educacional e que os novos PhD's construiriam a base sobre a qual o país tornar-se-ia "independente em pesquisa científica". Ouvi essa mesma frase repetidas vezes nas conversas preparatórias do Seminário Anual dos Professores da UFC.

Nos anos 70, me encantava garimpar os trabalhos desses novos pesquisadores que realizavam *surveys* com base amostral de qualidade. Os nomes dessas pessoas ressoavam como novidade de prestígio. Lembro meu interesse pelos trabalhos de Glaucio Ary Dillon Soares sobre eleição presidencial e partidos políticos. Diferentes dos textos do passado, em geral densos em reflexões e considerações históricas, os novos textos eram recheados de números bem dispostos e convincentes. A numerologia científica impressionava pela precisão.

O tratamento metodológico e estatístico sofisticado era o diferencial dos novos estudos, a chancela de um tratamento científico nos estudos da sociedade brasileira. A cada dia aprendíamos um novo nome na Antropologia, na Sociologia, na Política e na Economia do Brasil. Na UFC, a notícia do retorno do primeiro PhD em Matemática foi motivo de orgulho. Ubyrajara Alves.

A preocupação explícita com a pesquisa e a competitividade não



desconsiderou o ensino; desde o início da fundação do Departamento e do curso tivemos em mente que para formar um grupo sólido e competitivo seria necessário formar bons alunos. Reproduzo uma frase que lembro dizer nos anos 70 e sobre a qual sempre tive a mais clara consciência: “formaremos alunos melhores que nós”. Reconhecíamos nossas fragilidades, mas sabíamos o caminho a trilhar.

No ensino justificava priorizar a pesquisa por diferentes motivos: capacitar cientificamente os estudantes pela metodologia; facilitar a pós-graduação dos próprios professores que se formavam e servir ao desenvolvimento da sociedade cearense.

Desenvolvimento talvez haja sido a palavra mais festejada nos primeiros anos da UFC. As lideranças acadêmicas da UFC confiavam no poder criativo da ciência, da tecnologia e da educação para consagrar condições novas e diferentes de sustentabilidade para a crescente população cearense em um território com enorme variabilidade climática e deficiente em recursos naturais.

E desenvolvimento não era uma palavra vazia. Numa época em que o futuro era igual ao passado, bastava reproduzir o que os outros faziam. A economia exigia mudança e considerando a similaridade dos modelos vigentes de desenvolvimento no mundo ocidental, ninguém duvidava sobre o que fazer.

Martins Filho consagrou o lema “Do e para o Universal pelo Regional” com a clara intenção de criar uma atitude reflexiva que ajudasse a compreender e intervir no ambiente social, econômico e físico local. O lema nos induziu a inserir nos planos originais do Departamento a preocupação com o conhecimento universal atrelado ao conhecimento da realidade do Ceará e da Região. Posso afirmar que nosso grupo original das Ciências Sociais seguiu a orientação à risca. Basta recordar os primeiros projetos socioeconômicos voltados para a industrializa-

ção, para a agricultura, para os serviços. A qualidade era amadorística, mas o rumo era correto.

A tarja de universidade científica deu ânimo à UFC para usar os novos conhecimentos em prol da prosperidade da região. Uma região pobre que almejava reproduzir modelos de geração de riqueza consagrados há mais de dois séculos na Europa e nos Estados Unidos. Desde os primeiros anos, várias áreas científicas e tecnológicas da UFC dedicaram atenção a problemas típicos do semiárido cearense: trabalhos relacionados ao tempo e clima, aos estudos de física de nuvens, ao uso de chuva artificial, à industrialização urbana e, no interior do estado, à agricultura irrigada e de sequeiro, à salinização, à química de produtos naturais e tantos outros temas relacionados ao conhecimento da natureza local e as soluções preconizadas para o desenvolvimento local.

Até mesmo os temas mais envelhecidos e fora de moda nas economias desenvolvidas, continuavam importantes para o nosso desenvolvimento. E talvez ainda sejam relevantes, mas o mundo mudou porque a ciência evoluiu. No final do século XX algumas tecnologias recentes impuseram uma nova realidade às economias mundiais. Ou seja, as velhas tecnologias perderam a exclusividade que desfrutavam até o final dos anos 1980: o Brasil mudou e o Ceará também mudou.

Ou seja, se em tempos passados as novidades internacionais pouco afetavam a pacata sociedade cearense, isolada e distante, hoje os tempos são outros. Acabou o isolamento, as novidades externas repercutem em Fortaleza com o mesmo impacto que chegam aos centros desenvolvidos. A diferença entre nós e eles está na escala, na atitude, na dimensão e na importância. Dessa forma, a noção de prosperidade que nos induziu a criar um Mestrado de “Sociologia do Desenvolvimento”, no início dos anos 70, não é a mesma em 2019.

Em síntese, o início do século XXI, com suas desconcertantes novidades na política, na ideologia, na tecnologia e na vida em sociedade, exige considerações diferentes daquelas que nos conduziram no passado. A diferença de ontem para hoje é que as novas áreas científicas e tecnológicas menos dependentes do ambiente natural se expandiram com a enorme promessa de gerar riqueza e produzir emprego. Não necessito dizer muito, basta citar o papel da biotecnologia e da tecnologia da informação que deixou de ser novidade para as pessoas minimamente lidas.

Na UFC (em outras instituições do Ceará também) existem pessoas e grupos que venceram o complexo de universidade de segunda linha e cultivam a certeza de que, fortalecendo o trabalho atual em ciência básica e tecnologia, em breve poderemos conquistar níveis avançados de conhecimento científico/tecnológico competitivo. (A convivência de quase 50 anos com a pós-graduação e a ciência brasileiras me permite afirmar que, na UFC, algumas áreas se tornaram competitivas a nível nacional, uma percepção revelada nos últimos dez anos).

Não alcançamos o topo. Mas já saímos da base e estamos a meio caminho. Ultrapassamos o marco zero, mas persiste uma enorme dificuldade de apreensão dessa realidade. Uma realidade pouco percebida, pouco estudada e pouco reconhecida pelas autoridades governamentais e pelas lideranças econômicas que comandam o Estado. Essas lideranças desconhecem o que temos e não identificam o potencial científico e tecnológico existente. Por isso mesmo investem pouco, investem mal e, pior, com pernicioso irregularidade.

A falta de compreensão não é fenômeno local. É nacional. Conheci as mesmas dificuldades em Brasília e no Governo do Ceará. Há uma incompreensão ainda mais grave e que precisa ser resolvida

antes de qualquer outra. Refiro-me aos pares da própria universidade que desconhecem a capacidade científica e tecnológica dos diferentes departamentos, cursos, projetos e institutos. No caso específico deste texto de memória, defendo que as Ciências Sociais se interessem em perceber e estudar o fenômeno científico geral e invistam na pesquisa da modernidade que ocorre na porta ao lado, no ambiente da própria universidade e da sociedade cearense.

## **V – O amanhã, em cinco itens e uma conclusão**

### **Item 1 – Cientista social: instrumento do desenvolvimento ou o elegante guardião do futuro? Por que não as duas coisas?**

Nos anos 70, Jean Ziegler falando para um auditório de professores e alunos, afirmou que a grande função do sociólogo é ser “o guardião do amanhã”. A frase do ilustre sociólogo suíço encantou os estudantes. Em plena Ditadura Militar qualquer estímulo ao ativismo político era motivo de regozijo. A expressão adicionava charme a novas profissões desconhecidas da sociedade cearense (sociólogos, antropólogos, cientistas políticos).

Naquele momento o irrequieto Ziegler exercia a função de guardião em seu país, pois se notabilizara pela campanha contra os bancos suíços, condenando o dinheiro “sujo”. Ziegler demonstrou profundo conhecimento da política fiscal, financeira e econômica suíça, relacionada com os bancos. Conhecimentos que podiam ter sido usados para outro tipo de estudo e projeto que não fosse somente o de verificar a moralidade e a ética do sistema bancário suíço. Eleito deputado, escreveu *A Suíça que lava mais branco*, livro traduzido no Brasil com algum sucesso.

Além dos sociólogos, outros profissionais reclamam a função de “guardiões do futuro”: historiadores e filósofos, por exemplo. Para mim essa função é de qualquer profissional com critério, conhecimento e capaz de pensar bem a sua sociedade. Portanto, adiciono dois comentários à fala de Ziegler. Primeiro, que guardiões além de pesquisar os assuntos que criticam ou defendem, precisam conhecer os fenômenos e as tecnologias sociais referidas; segundo, sociólogos podem ser excelentes analistas e construtores do presente sem que pousem de heróis de todas as causas.

Há alguns anos (1978) tive em mãos um relatório de consultoria conduzida por eminente economista do IPEA e por um não menos famoso sociólogo da USP, ambos professores-pesquisadores respeitados em suas comunidades e com larga produção científica. Examinando o texto chamou minha atenção uma curiosa inversão das especialidades: o sociólogo escreveu a parte econômica e o economista o texto sociológico. O relevante é que os dois textos eram excelentes e extremamente úteis para o desenvolvimento da instituição que os contratou. Bem formado, um sociólogo é um excelente técnico para servir a projetos de desenvolvimento.

Guardiões asseguram suas críticas a partir de conhecimentos sólidos obtidos por meio de estudos e pesquisas. Sempre foi assim e continuará sendo. Em Karl Marx encontro um exemplo clássico para elogiá-lo ou para condená-lo. Marx usou as pesquisas, digo os estudos de Engels, para construir e defender suas ideias. Para os críticos (*Sir Karl Poppe*, *Eric Voegelin* e tantos outros) eram dados superados de um período que, ao serem usados, já estavam fora de época e não mais refletiam a realidade do operariado inglês. Se a informação for verdadeira (não entrarei na polêmica), alguns filósofos estão corretos ao afirmarem seu erro. Nesse caso, ele foi um péssimo guardião por-

que o fundamento condenatório do capitalismo industrial inglês partiu de uma falsa realidade. Ao contrário, se os dados de Engels estavam corretos e a realidade descrita era verdadeira, ele terá sido um bom guardião. Do exemplo colho uma lição: sem pesquisa o guardião inexistente; sem pesquisa de qualidade o guardião é irrelevante.

Encerrei o capítulo anterior defendendo que “as Ciências Sociais se interessem em perceber e estudar o fenômeno científico geral e invistam na pesquisa da modernidade que ocorre na porta ao lado, no ambiente da própria universidade e da sociedade cearense”. Ou seja, nenhuma má vontade com a postura guardiã, mas enorme preocupação com o distanciamento do nosso curso das questões relacionadas ao desenvolvimento econômico e social do Estado do Ceará.

Com isso, firmo minha preocupação com o distanciamento da agenda de pesquisa das Ciências Sociais da UFC dos temas relacionados ao desenvolvimento cearense e brasileiro. Temos pouca atividade de pesquisa que comprove a preocupação das Ciências Sociais com os temas do desenvolvimento e da mudança. Nada contra os guardiões, mas tudo a favor dos analistas comprometidos com o desenvolvimento e com a mudança.

## **Item 2 – Sociedade do conhecimento no Ceará: fantasia ou realidade possível?**

No século XXI os cientistas sociais do mundo inteiro reconhecem as mudanças que evoluíram bruscamente do velho modelo da economia industrial para o novo modelo da chamada sociedade do conhecimento, caracterizada pelo acúmulo de capital, ciência e tecnologia no processo produtivo.

O detalhe relevante que ajuda a perceber a diferença entre os dois tipos de sociedade é observável na inovação: antes a inovação era epi-

sódica e vinha sempre de fora; atualmente, a inovação quase sempre vem de dentro do próprio processo produtivo e não para de acontecer. Com um pormenor essencial para o qual as lideranças dos países em desenvolvimento precisam dedicar a máxima atenção: as economias que conseguiram aproximar o setor de C&T (acadêmico e não-acadêmico) do setor produtivo são os países líderes; os demais são apenas os demais.

Nenhuma sociedade estará fora dessa nova prática de produção. Inclusive a do Ceará. E não adianta invocar o diferencial do nível de desenvolvimento como justificativa ao imobilismo. Hoje somos parte de um mercado global que aproxima os mais ricos dos mais pobres e padroniza rotinas e hábitos. E o imobilismo é a pior decisão, elimina a chance de futuro, mata a capacidade de competir. A atitude proativa não é garantia de sucesso pleno, mas é a única chance de mudar. Será destrutivo para as Ciências Sociais da UFC não participar desse processo.

Minha experiência pessoal com a C&T&I<sup>7</sup> do Ceará encoraja-me a propor aos colegas da UFC uma presença mais efetiva no esforço do desenvolvimento local. O Ceará é pobre, sim. Subdesenvolvido, sim. Apesar disso, detém os ingredientes necessários à mudança de seu padrão produtivo: um jovem empresariado competente e em expansão, centros de ciência básica e aplicada diversificados, área tecnológica crescente e que responde a estímulos. Para completar, dispõe de uma estrutura de fomento que funciona. Poderia funcionar melhor se houvesse continuidade nas políticas públicas, assim mesmo afianço que o conjunto dessas condições é um dos seis mais equilibrados do país. Olhem para dentro da universidade!

---

7. Ciência, Tecnologia e Inovação.

### **Item 3 – A nova economia, com diversificação e a modernidade da pesquisa.**

Nessa comemoração dos 50 anos do Curso de Ciências Sociais da UFC, instigo meus colegas a que reflitam sobre o envolvimento das Ciências Sociais com os grandes temas da sociedade, geradores de dados e informações que se acumulam à nossa frente. Refiro-me à *BIG Data* e às TIC's<sup>8</sup>, à Biotecnologia, à Inteligência Artificial (IA) e às demais tecnologias que servem ao desenvolvimento de uma sociedade inserida no semiárido brasileiro. A particularização do regional dentro do universal.

Para que isso ocorra, devem ficar atentos às parcerias científicas e aos estudos multidisciplinares dentro da própria UFC. O distanciamento entre as áreas é preocupante e precisa ser corrigido para que se realize a proposta do desenvolvimento em direção a uma sociedade do conhecimento.

Ao escrever este texto fiquei curioso por saber se outros cientistas sociais brasileiros estavam preocupados com a temática tecnológica. Tive a grata surpresa de identificar os trabalhos de José Vicente Tavares dos Santos e Maíra Baumgarten que escreveram artigos sobre a modernidade dos assuntos de TI. Desses autores identificados gostei do que li, mas não sei o quanto avançaram na prática real da pesquisa além do registro e da recomendação.

A *Big Data* descreve um volume gigantesco de dados estruturados e não estruturados produzidos a cada segundo. As mídias sociais geram informações majoritariamente públicas e contínuas, apoiadas pelo celular e TV; sem referir às novidades que resultam dos chamados “wearable devices” conectados a muitos equipamentos móveis ou imóveis. Isso a gente lê diariamente nos jornais; parece que ao adqui-

---

8. Tecnologias da Informação e Comunicação.



rir a conotação de óbvio, perde o interesse.

Em 2001, o citado Tavares dos Santos escreveu um livro denominado *Sociologia Informacional*. Desconfio que nele haja resposta para uma questão essencial: a necessidade de se construírem modelos sociológicos que direcionem nossa investigação para as áreas das TICs. Qual o caminho para isso? Respondo com a minha opinião: internacionalização e pesquisa multidisciplinar.

O esforço de internacionalização das melhores universidades do mundo é o melhor testemunho dessa preocupação. Os asiáticos aprenderam essa e outras lições com invejável aplicação. Japoneses e coreanos (talvez os chineses, desconheço o que fazem nessa área) integram equipes multidisciplinares com o claro objetivo e o desejo de pesquisar o mundo. Hoje a oferta de dados está disponível, não interessa a dimensão da instituição, nem sua origem regional ou local.

Em todos os países, a oferta de dados e a multidisciplinaridade sufocam o paroquial e expandem os limites do regional e do local. Qual a importância disso? Equaliza as oportunidades, aumenta a chance de todos.

Universidades americanas de tamanhos e tradições variáveis, de Leste a Oeste, competem em pé de igualdade em assuntos do mais elevado valor estratégico para governos, indústrias e serviços. Portanto, o argumento de que “uma universidade periférica” ou “com poucos recursos” não pode ser competitiva tinha justificativa no passado; hoje apenas determina o grau de imobilismo de suas lideranças e de seu corpo de cientistas.

Os cientistas sociais americanos, ingleses, japoneses, australianos, neozelandeses e coreanos surpreendem continuamente com métodos e técnicas inovadoras, ainda pouco conhecidas dos grupos acadêmicos brasileiros. Exemplo clássico são os estudos multidisciplinares

de prospecção tecnológica para projetos privados e governamentais.

Esse registro exige algum cuidado com o conceitual; mesmo em um texto descontraído como este não é recomendável falar de previsão sem um mínimo esforço para separar o joio do trigo.

Estudos de prospecção vinculam-se ao amplo negócio de compra e venda da previsão que emprega milhões de pessoas no mundo. O maior contingente desse negócio concentra-se no grande ambiente da atividade econômica. A previsão de tempo, por exemplo, é um negócio de mais de 5 bilhões de dólares. Somente nos Estados Unidos, emprega mais de 6 mil meteorologistas que são profissionais formados e geralmente com pós-graduação; no Brasil cresceu a atividade e disseminou-se em todos os estados. Um emprego que antes era somente público passou a ter o atrativo de pequenas empresas de previsão de tempo para atender ao mercado agrícola, do turismo e outros. O Brasil forma mais de 30 meteorologistas por ano e tem no mercado um número superior a 414 profissionais em atividades operacionais e em pesquisa, segundo informação da Sociedade Brasileira de Meteorologia (2002).

Em trabalho que escrevi em 2002 (que explica a antiguidade dos dados) anotei 57 tipos de instituições e grupos listados no negócio da previsão, distribuídos em diferentes categorias. Nos Estados Unidos, sob a categoria tecnologia e ligada à inovação tecnológica, a previsão envolve milhões de empregos relacionados à prosperidade e à defesa nacional.

O vínculo à inovação se justifica porque esta é reconhecida como um jogo de altas apostas e risco na competição internacional; como tal é objeto permanente de estudo porque qualquer antecipação sobre seu futuro poderá constituir o domínio da indústria de alta tecnologia de um país sobre outro, de forma permanente ou durante algum tempo.

O Japão varreu do mapa muitas indústrias norte-americanas, quando dominou, por exemplo, a indústria eletrônica de consumo.

Os modernos estudos prospectivos se distanciam da ideia de simples previsão, quando se apresentam como “processos coletivos” que se repetem e seguem sofisticados rituais metodológicos. A atitude, o objetivo e o método fazem a diferença porque mesmo admitindo o risco de erro, o erro também é de natureza diversa, porque neste caso o processo incorpora a mudança de opinião no próprio método e exige acompanhamento, contra-cheragem e revisão permanente. A opinião coletiva, a autorizada mudança de opinião e o caráter de permanência do processo dão maior credibilidade ao resultado, até que se produza o novo resultado que o atualiza ou corrige.

A ideia de processo associa-se a um conjunto cada vez mais sofisticado de técnicas que servem para avaliar, identificar, eliminar, distinguir e selecionar, permitindo que os trabalhos se realizem e se completem em sucessivas etapas. Esta orientação plural não se restringe ao processo, mas também ao grupo de participantes que, em alguns casos, assume a dimensão de milhares de participantes e opiniões, e, finalmente, o pressuposto inicial de toda prospectiva de que não se pode admitir a existência de apenas um futuro, mas de muitos eventuais futuros. Os estudos prospectivos devem explorar esses eventuais futuros na convicção de que as decisões de hoje adotadas em função de um trabalho de “foresight” poderão ajudar a determinar ou moldar o futuro.

A prospecção ganhou maior evidência porque a questão do financiamento está sendo tratada com rigor; posições extremas começam a ser discutidas, por exemplo, de que o setor público não deve mais custear a ciência básica, deixando-a ao setor empresarial.

Sem avaliar o absurdo da proposta, que eliminaria uma rotina arrai-

gada na tradição ocidental desde que Francis Bacon, no século XVII, exortou os governos a financiar a geração do conhecimento, o fato objetivo é que o setor empresarial já financia pesquisa básica. Extinguir o financiamento do Estado é uma proposta excessiva e pouco refletida, até mesmo porque a geração de conhecimento não serve apenas à inovação tecnológica, mas antes de tudo à educação. Por outro lado, aqui falo do Brasil, a tarefa não é fácil, mas não impossível de estimular o setor privado a participar da frutuosa aventura do conhecimento.

Quantos cientistas sociais brasileiros estão envolvidos no ensino e na pesquisa com a temática da prospecção? Reconheço que são muito poucos. Por isso indago: por que somente os cientistas do Rio de Janeiro e São Paulo se interessam pelo assunto? Entre os poucos que sempre trabalharam com esse assunto, não lembro quantos são sociólogos.

#### **Item 4 – Pesquisar o novo, selecionar velhos temas atuais, descartar o inútil.**

Reagir à informação disponível ou afirmar que ainda estão distantes de nós é desprezar ou negar a realidade que nos cerca. Menciono três implicações para estimular a discussão.

Primeira, os dados oferecidos pelas novas tecnologias são capazes de revelar novas realidades ainda não percebidas pela rapidez com que tudo acontece em nosso meio. A atitude de não participar dessa aventura do conhecimento e da inovação é perder, no mínimo, a oportunidade de ser competitivo.

Segunda, os profissionais que participam dessa aventura contemporânea do conhecimento aprofundam com naturalidade sua inserção no ambiente competitivo da globalização.

Terceira, no caso específico das ciências sociais brasileiras que

concentraram seus principais nichos de pesquisa nos temas de natureza pública e governamental, abrem-se enormes campos de pesquisa no ambiente privado da produção, com garantia de financiamento e chance de servir também aos interesses governamentais de planejamento e políticas públicas.

Há, por fim, um motivo adicional para se procurar a novidade. Temas e metodologias envelhecem (meu trauma pessoal). Quando Jean Duvignaud chegou ao Ceará, apresentei os resultados de *Canoa Quebrada*. Um resumo-executivo de quase quarenta páginas em inglês, com tradução de Amélia e Tim Finan. Duvignaud ficou interessado, pediu detalhes, quis conhecer *Canoa Quebrada*. De imediato sugeriu que eu enviasse o texto à famosa *Frederick A. Praeger Publishing* de New York. Pediu que escrevesse direto ao editor, seu conhecido. Tudo foi feito conforme a instrução. A resposta veio rápida: “desde o ano passado nossa editora suspendeu a publicação de estudos de comunidade por falta de interesse acadêmico e comercial por esse tipo de estudo”.

O Ceará estava pesquisando o “velho”. Mais que velho, o superado. O que os pares e o mercado internacional consideravam inútil.

### **Item 5 – Três obstáculos inevitáveis em discussão.**

Há obstáculos que dificultam, mas não impedem a adoção de uma nova agenda de pesquisa que sirva ao desenvolvimento.

A pesquisa multidisciplinar depende do envolvimento de professores-pesquisadores de diferentes departamentos, trabalhando sobre temas reconhecidos como importantes para a sociedade cearense. Os cientistas sociais não são os únicos refratários à aproximação; outros cursos também pecam por se distanciarem dos temas compartilhados, algumas vezes temendo não conseguir uma linguagem comum que os

aproxime. A pesquisa multidisciplinar continua escassa por falta de interesse e dificuldade de comunicação.

A questão do tamanho e da localização da universidade deve ser considerada como o segundo obstáculo. Há temas fáceis e de realização barata que qualquer instituição pode eleger para se afirmar como um “player” regional, nacional ou internacional, formando recursos humanos habilitados e dominando as metodologias requeridas. Qualquer periferia pode hoje, por esforço próprio, se transformar em umbigo do mundo de certos temas, desde que reúna cérebros, com gestão e outras condições que a capacitem a ser competitiva e líder nos assuntos selecionados. A escolha é livre entre os temas de elevada sofisticação e caros; igual aos de baixa exigência técnica e baixo custo. Exemplo: antigamente as análises comportamentais eram tidas como de difícil realização pelo excesso de subjetividade. Hoje existem tecnologias de rastreamento cada vez mais sofisticadas, com técnicas de pesquisa testadas em ambientes controlados e com um grande número de funcionalidades. Outra opção mais sofisticada pode direcionar o esforço para a questão da produção, segurança, controle e análise de dados, admitindo o grande valor dos dados na vida moderna e formação dos chamados líderes de tecnologia digital (os chamados CDOs). Convém pensar sobre o assunto.

Por fim, a atração que alguns temas tradicionais exercem sobre uma determinada comunidade científica e que se explica pela disponibilidade de fundos. Esta é uma realidade universal que perde fôlego, mas pode perdurar. Em nenhum momento minhas observações pretendem inibir o interesse das ciências sociais do Ceará por temas clássicos que estejam na mira desse ou daquele pesquisador. Desde que não sejam os estudos de comunidade que as editoras não querem publicar (o trauma é pessoal).

## Uma conclusão e algumas expectativas

Este depoimento é uma breve história de vida que divido com todos os colegas que contribuíram para uma frutuosa experiência educacional. De memória, corro o risco de alguma omissão, mas não posso deixar de referir-me aos pioneiros da primeira hora: Luiz Fernando Raposo Fontenelle, Paulo Elpídio de Menezes Neto, Luiz de Gonzaga Mendes Chaves, Diatahy Bezerra de Menezes, João Pompeu de Souza Brasil, Mosslair Cordeiro Leite e Hélène Velay Leite acrescidos dos nomes já citados que participavam do Instituto de Antropologia. Na sequência vieram outros tantos nomes que deixo de citar porque já foram mencionados em trabalhos anteriores mais completos que essa simples memória.

Devo a construção dessa história à UFC que me proporcionou a oportunidade de participar da agradável aventura do conhecimento representada por seu nascimento e evolução ao longo de 50 anos.

O texto fala do passado. Para motivar o mais jovem a pesquisar o futuro. O alvo imediato são os pesquisadores das ciências sociais da UFC a quem faço três recomendações: ampliar a pesquisa multidisciplinar, participar do processo de internacionalização e centrar o foco nas novas tecnologias e no desenvolvimento socioeconômico do Estado. Não esqueçam, criem uma nova agenda de pesquisa visando o desenvolvimento do Ceará.

A fonte da pesquisa está na regra e na exceção. Na regra: um estado deficiente em recursos naturais, com variabilidade climática acima da média mundial, que depende do gerenciamento dos parques recursos existentes e que foi, até o final do século XX, o maior símbolo migratório do Brasil. Na exceção: a posição geográfica é favorável e a capacidade competitiva do Estado surpreende. A posição geográfica transformou o estado em porta de entrada para as grandes conexões óticas internacionais que chegam ao Brasil e alargou a forte cultura do empreendimento comercial. A competitividade encontra-se no varejo da educação e da C&T. Em educação, ciência básica e aplicações do conhecimento somos bem melhores do que se pensa. Pesquisem e acreditem.

A infraestrutura de pesquisa científica e tecnológica instalada da UFC está entre as melhores do país. Somos competitivos. Deficientes nos indicadores gerais da educação, com bons indicadores no varejo da educação científica e tecnológica. Mais bem fomentada, a área do conhecimento avançará em saltos.

Nada do que descrevi e analisei terá valor, nem surtirá efeito, se não contar com a decisão coletiva de dirigentes e pesquisadores da UFC. Cumpram o próprio lema de atuar no regional, partindo do e chegando ao universal. Para isso é necessário que a UFC mire o umbigo e averigüe-se a si mesma. Os próprios pesquisadores da UFC desconhecem, insisto, o que está ocorrendo na porta ao lado.

No geral, as elites políticas, econômicas e intelectuais do Ceará conhecem mal o potencial científico e tecnológico instalado no Estado. Talvez o Projeto 2050, que em boa hora o Governo do Estado e a UFC estão concluindo, abra os olhos das autoridades e amplie os horizontes dos nossos pesquisadores.

Bom futuro!



Brasília, 17 de agosto de 2018.

(Revisão, 15 fevereiro 2019)

**Resumo:**

Este depoimento trata da formação de um professor de ciências sociais no ambiente social da cidade de Fortaleza dos anos 50 e 60. Descreve o nascimento da Universidade Federal do Ceará (UFC) e as realizações que permitiram a instalação de um curso de ciências sociais há cinquenta anos. Comenta o esforço para consolidar a pesquisa e questiona o presente e o futuro da produção científica da comunidade de ciências sociais da UFC.

**Palavras-chave:** depoimento; universidade; linhas de pesquisa; nova economia; competitividade.

**Abstract:**

The present oral history is an account of a professor's academic trajectory in the social sciences during the 50s and 60s. Contextualized in the social environment of Fortaleza, it describes the birth of the Federal University of Ceará (UFC) and the efforts made 50 years ago to establish the social sciences program. Finally, it describes the efforts made to consolidate social science research and questions both the UFC social science community's current research and its future research trends.

**Keywords:** testimony; university; research lines; new economy; competitiveness.

Recebido para publicação em 08/01/2019.

Aceito em 28/02/2019.